

**CONEXÕES TRAÇADAS PELA  
INTELECTUALIDADE NEGRA:  
UM ESTUDO DA DIÁSPORA NA  
IMPRESA NEGRA, ENTRE EUA E  
CANADÁ NA DÉCADA DE 1850**

*CONNECTIONS BY BLACK  
INTELLECTUALITY: A STUDY OF THE  
BLACK DIASPORA IN THE PRESS,  
BETWEEN USA AND CANADA IN THE  
1850's*

**Marcelle Carvalho**

Doutoranda em História Social pela Universidade Federal do Ceará, mestra em História pela Universidade Federal de Ouro Preto, licenciada e bacharela em História pela mesma instituição. Vinculação Institucional: Programa de Pós-graduação em História, UFC, Fortaleza-CE, Brasil. E-mail: marcellecarvalho.historia@gmail.com

**Resumo:** Na década de 1850, registrou-se uma emigração significativa de homens e mulheres negros em direção aos Estados Unidos para o Canadá (principalmente para Ontário). Indivíduos, famílias e lideranças fomentaram o movimento abolicionista transnacional. A migração de líderes foi motivada pela necessidade de articular a causa da vida em liberdade, para que a legislação pró-escravidão norte-americana não os atingisse. Os emigrantes se uniram e promoveram diversas redes de ativistas e sociedades abolicionistas que auxiliavam a fuga de escravizados e livres, os instalavam em novas terras e mantinham relações transnacionais para garantir a circulação de informações. Assim, foram criados jornais para divulgar informações relevantes sobre a diáspora da população negra, os eventos internacionais que ocorreram nos dois países, juntamente com livros, biografias e panfletos sobre as possibilidades de rotas de emigração e acomodações possíveis para os(as) negros(as).

**Palavras-chave:** Intelectuais negros. Imprensa negra. Século XIX. América do Norte.

**Abstract:** In the 1850's, significant emigration of black men and women was recorded towards the United States to Canada (mainly to Ontario). Individuals, families, and leaderships fomented the transnational abolitionist movement. The migration of leaders was motivated by the need to articulate the cause of life in freedom, for the US pro-slavery legislation did not reach them. The emigrants joined and promoted various networks of activists and abolitionist societies that assisted the escape of enslaved and free people, settled them in new lands and maintained transnational relationships to ensure the circulation of information. Therefore, newspapers were created to publish relevant information regarding the diaspora of black population, the international events that took place in both countries, along with books, biographies and pamphlets on the possibilities of emigration routes and possible accommodations to black people.

**Keywords:** Black intellectuals. Black press. 19th century. North America.

## Introdução

A primeira metade do século XIX, nos Estados Unidos, foi marcada por diversos conflitos e incoerências em relação a questões raciais, ao mundo do trabalho e a própria configuração nacional. Os estados mantinham grande autonomia para

contemplar seus interesses e agiram, em diversos momentos históricos, em conjunto, compartilhando tendências políticas, econômicas e sociais. Gradativamente, essas diferenças levaram a configuração de duas polaridades: Norte e Sul. Apesar das diferenças entre os estados e as particularidades das experiências, os indivíduos vinham identificando o Norte como composto por um conjunto de estados favorável ao trabalho livre e contrário à escravização, de modo que na década de 1850, toda a região já havia adotado legislação para sua abolição. Enquanto o Sul do país ainda era marcado pelo reforço da escravização da população negra, que já permeava as mentalidades, as políticas, economia, legislação, enfim, todas as instâncias da vida. Os estados mais próximos do litoral sul vivenciavam uma progressiva redução da população escravizada redirecionando-a para as terras do interior sul, mais férteis, alimentando, assim, um forte tráfico interno. O mapa produzido em 1856 por William Reynolds, em Nova York, evidenciava essa separação<sup>1</sup>.

Apesar de serem tratados com certa homogeneidade (enquanto região), os estados, e até mesmo as localidades, poderiam ter legislações próprias, dissensos, tensões e conflitos. Os indivíduos brancos legalmente podiam e, de fato, circulavam por todo país, muitas vezes, acompanhados de seus cativos. A presença da escravidão era interpretada por muitos antiescravistas como um afrontamento a soberania dos estados que já haviam abolido a escravidão, fazendo intensificar as discussões e os conflitos a respeito da legalidade da instituição e alimentando ações individuais ou coletivas de fuga de escravizados(as)<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> O mapa está disponível no site da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos com alta resolução. Ver: REYNOLDS, William C.; JONES, J. C. *Mapa político dos Estados Unidos de Reynolds, projetado para exibir a área comparativa dos estados livres e escravos e o território aberto à escravidão ou à liberdade pela revogação do Compromisso do Missouri*. Nova York: Wm. C. Reynolds e JC Jones, 1856. Mapa. Retirado da Biblioteca do Congresso. Disponível em: [www.loc.gov/item/2003627003/](http://www.loc.gov/item/2003627003/). Acesso em: 23 mar. 2023.

<sup>2</sup> A preferência pelo termo “escravizado(a)” se deve a intenção de destacar a forma de ação da escravização, como ato de desumanização, em detrimento da perspectiva potencialmente neutralizadora do termo “escravo”, como sugere Grada Kilomba: “uso o termo ‘escravizada/o’, e não *escrava/o*, porque ‘escravizada/o’ descreve um processo político ativo de desumanização, enquanto *escrava/o* descreve o estado de desumanização como a identidade natural das pessoas que foram escravizadas.” KILOMBA, Grada. *Memórias da plantaço*: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 20.

Em 1850, nos Estados Unidos, foi aprovada a Lei do Escravizado Fugitivo (*Fugitive Slave Act*), que aumentou o poder dos escravistas, possibilitando-os adentrarem territórios onde a escravidão era juridicamente proibida e capturar os reclamados diretamente, com ajuda do Estado e dos habitantes locais. Tal lei tornou a vida dos(as) negros(as) nos estados do Norte (fossem os fugidos da escravidão ou dos nascidos livres) assombrada pela ameaça de (re)escravização. A coerção imposta através da lei incomodou os(as) negros e os envolvidos nas atividades da Ferrovia Subterrânea, segundo o historiador Stanley Campbell a lei impunha o auxílio de autoridades estaduais e federais na busca pelos fugitivos, e, em contrapartida, aqueles que prestassem ajuda aos fugitivos seriam punidos com multa de US\$ 1.000 ou com pena de prisão de seis meses. A legislação não assombrava somente os(as) escravizados, pois os(as) negros(as) livres consideravam a lei uma grave ameaça à sua liberdade, temendo serem ilegalmente reduzidos a escravidão<sup>3</sup>.

As fugas eram cotidianamente enfrentadas e dificultadas nas legislações nacionais, estaduais e locais que favoreciam a busca e recaptura, o reforço de patrulhas formadas por civis, os anúncios jornalísticos a nível nacional dos fugitivos prometendo recompensas e maior rigidez nas estratégias de controle dos(as) escravizados(as). Apesar disso, segundo os historiadores John Hope Franklin e Alfred Moss Jr., todas as comunidades sulistas registravam anualmente uma quantidade de fugitivos<sup>4</sup>.

Assim, cabe compreender as experiências dos/as negros/as na diáspora em busca de estratégias e discursos que propunham possibilidades de futuro para si e todos seus semelhantes (escravizados ou livres nos EUA e no Canadá). O protagonismo que reivindicavam partiam se seu lugar político e social enfrentava as lideranças brancas e fortalecia laços de solidariedade entre os fugitivos. Dessa forma, acreditamos que tais vivências dos/as negros na América do Norte se assemelham ao que Beatriz Nascimento observou ao analisar a formação de quilombos no Brasil,

---

<sup>3</sup> CAMPBELL, Stanley W. *The Slave Catchers: Enforcement of the Fugitive Slave Law, 1850- 1860*. Chapel Hill: UNC Press Enduring Edition, 1968. p. 15-25.

<sup>4</sup> FRANKLIN, John Hope; MOSS Jr., Alfred A. *Da escravidão à liberdade: A história do negro americano*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1989. p. 150.

“é ao organizar sua própria sociedade que o negro se afirma e se torna autônomo”<sup>5</sup>. Ou seja, o processo de fuga e organização de comunidades negras distantes da sociedade escravagista (e com valores diferenciados), no Brasil ou no Canadá, são semelhantes na medida em que permeiam um caminho de emancipação que precisa reconfigurar os campos intelectuais, sociais, políticos e econômicos com foco nos interesses e protagonismo negro.

Partimos de questões basilares colocadas por Kim Butler que pensa a “diáspora” como um conceito que traz em seu bojo uma série de traumas pela migração forçada, ao mesmo tempo em que mantém, de diversas formas, relações com os locais deixados para trás e expectativas para com os lugares potenciais de destino. O emaranhado de redes (sociais, culturais e intelectuais) vão sendo traçadas na prática do deslocamento ao mesmo tempo em que os sujeitos também ressignificam as experiências e as ideias formadas no período do cativeiro e/ou do planejamento da fuga, tecendo redes e estratégias transnacionais e transregionais, movimentando corpos e ideias<sup>6</sup>. Segundo Butler: “Essas ideias circulantes também geram diálogos e se tornam parte da experiência e do conhecimento coletivos da comunidade diaspórica”<sup>7</sup>.

Valemo-nos também das reflexões de Terry Eagleton e bell hooks<sup>8</sup> para conceber os/as intelectuais como aqueles indivíduos que lidam com ideias de maneira transgressora, dialogando com uma cultura política mais ampla e, como destaca hooks, considerando ainda as interseccionalidades de sexo e raça<sup>9</sup>.

---

<sup>5</sup> NASCIMENTO, Beatriz. *Quilombola e intelectual*. Possibilidades nos dias da destruição. São Paulo: Diáspora Africana; Editora Filhos da África, 2018. p. 99.

<sup>6</sup> BUTLER, Kim. Definições de diáspora: articulação de um discurso comparativo. In: BUTLER, Kim; DOMINGUES, Petronio. *Diásporas imaginadas: Atlântico negro e histórias afro-brasileiras*. São Paulo: Perspectiva, 2020.

<sup>7</sup> BUTLER, 2020, p. XX.

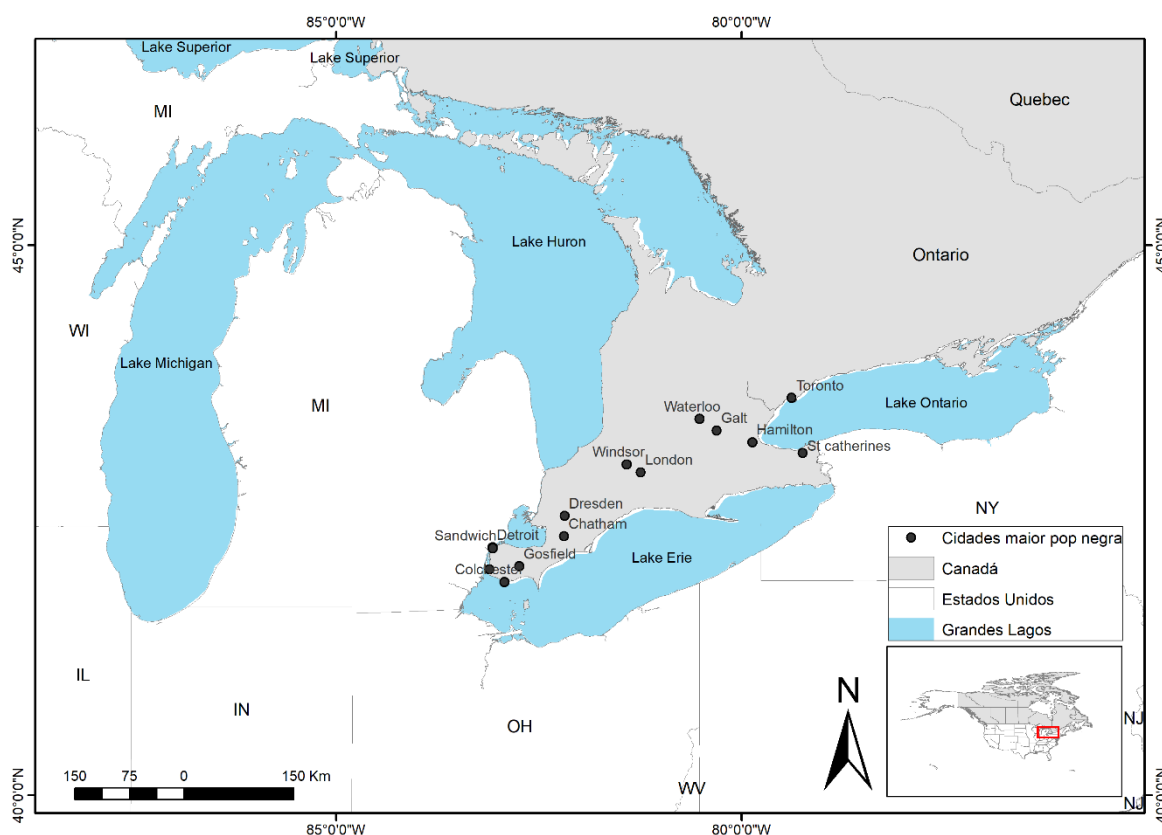
<sup>8</sup> A grafia do nome é com letras minúsculas, por escolha da própria intelectual.

<sup>9</sup> HOOKS, bell. Intelectuais negras. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995.

## Intelectuais negros(as) no Canadá: estratégias e articulações na busca por liberdade e autonomia

Após a aprovação da Lei do Escravizado Fugitivo (1850), muitos(as) negros(as), livres, libertos ou fugidos da escravidão, que haviam estabelecido residência nos estados do Norte, decidiram emigrar para o Canadá, o que se somou às fugas de escravizados que vinham diretamente do Sul. Os recém-chegados davam continuidade à história de migração de pessoas negras que datava de fins do século XVIII. O mapa abaixo, confeccionado a partir das fontes consultadas, identifica os lugares de maior presença de população negra no sudoeste da região de Ontário, no Canadá:

**Imagem 1:** Mapa do sudoeste da região de Ontário, no Canadá, com algumas grandes comunidades negras identificadas na década de 1850.



Fonte: elaborado pela autora.

A migração ganhou bases mais fortes com a presença de lideranças do movimento abolicionista estadunidense. Mary Bibb e Henry Bibb se mudaram para Ontário em 1850, intencionados a somar às atividades afro-canadenses, criando e mantendo estruturas necessárias para o recebimento de mais migrantes. Eles fundaram o primeiro jornal negro do Canadá, mantendo suas conexões com os Estados Unidos. Ambos possuíam uma vida pregressa de vínculo com os temas raciais. Mary E. Miles nasceu livre, em 1820, em Rhode Island, no seio de uma família negra quaker, que incentivou sua educação e ela se tornou uma das primeiras mulheres negras da América do Norte com formação como professora, a qual utilizou para alimentar ideais abolicionistas e as lutas pelos direitos das mulheres<sup>10</sup>. Henry Bibb nasceu em 1815, em Kentucky, filho de Mildred Jackson, uma mulher escravizada, da qual foi separado ainda na infância. Bibb fugiu da escravidão diversas vezes até finalmente conseguir conquistar sua liberdade e nunca mais ser reescravizado.

Mary e Henry se conheceram em 1847, em Nova York, em um evento antiescravagista e se casaram no ano seguinte. Em 1849, ele publicou sua autobiografia narrando seu período escravizado, refletindo sobre suas experiências de fuga, a perda de sua família para a escravidão e argumentando contra a instituição e a legislação escravagista (que avançava progressivamente)<sup>11</sup>. Após a aprovação da lei de 1850, decidiram emigrar do país por medo de (re)escravização. Eles se assentaram em Sandwich, primeiramente, e depois em Windsor (muito próximos espacialmente, na parte oeste de Ontário), recebendo inúmeros fugitivos em sua residência. Envolveram-se em ações organizadas para atender aos refugiados, fosse com alfabetização, auxílio a aquisição de terras ou disponibilizando informações importantes para auxiliar outras fugas. Em janeiro de 1851, começaram a publicar o jornal *Voz do Fugitivo* (no original *Voice of the Fugitive*), que foi o maior jornal da região, com publicações que envolviam a publicização de informações interessantes

---

<sup>10</sup> FORSTER, Merna. *100 More Canadian Heroines: Famous and Forgotten Faces*. Toronto: Dundurn, 2011.

<sup>11</sup> BIBB, Henry. *Narrative of the Life and Adventures of Henry Bibb, An American Slave, Written by Himself*. New York: published by the Author, 1849. p. 190-191.

à população negra na diáspora, incluindo eventos, temas relacionados a migração de negros(as) dos Estados Unidos para outros lugares, promoção da educação negra, ao mesmo tempo em que rebatia artigos racistas da grande imprensa, entre outros<sup>12</sup>.

Segundo Karolyn Smardz Frost, Mary e Henry Bibb se conectaram com Sociedades Femininas importantes, como a Sociedade Feminina Antiescravista de Grand Prairie, de Michigan, e o Círculo de Costura Antiescravista (Anti-slavery Sewing Circle), de Cincinnati. Tais organizações reverberavam as publicações do jornal e as mobilizações afro-canadenses, consumindo a literatura abolicionista, além de auxiliar na informação dos fugitivos. Tais círculos de costura promoviam espaços de conscientização política, que movimentavam pensamentos subversivos e radicais, ao mesmo tempo em que alimentavam fisicamente as fugas, costurando para os fugitivos. As mulheres de Cincinnati também ofereceram ajuda financeira ao jornal *A Voz do Fugitivo*<sup>13</sup>. Na citação abaixo, segue um trecho da carta da Sociedade Feminina Antiescravista:

Prezado Senhor. Em uma reunião tardia do Conselho de Administradores da Sociedade Antiescravista Feminina de Costura desta cidade [Cincinnati], um desejo ardente foi expresso de que seu jornal, 'A Voz do Fugitivo' fosse colocado pecuniariamente, em uma base como para aliviá-lo de uma parte do fardo que agora repousa sobre você, e remover todo o medo da necessidade de sua suspensão, e foi votado destinar cinquenta dólares dos fundos da Sociedade para esse objetivo [...] Sempre, portanto, estará em sua ordem a soma acima indicada. Que o céu suceda abundantemente em seu trabalho pela causa dos oprimidos.<sup>14</sup> (Tradução própria).

Mary Bibb fundou escolas particulares no Canadá para negros(as), onde foi professora. Inúmeras vezes, ficou como responsável pelo jornal, enquanto o marido viajava para palestrar e arrecadar fundos. Muito ativa, escrevia sobre diversos

<sup>12</sup> FORSTER, 2011, p. 75.

<sup>13</sup> FROST, Karolyn Smardz. *A Fluid Frontier: Slavery, Resistance, and the Underground Railroad in the Detroit River Borderland*. Detroit: Wayne State University Press, 2016.

<sup>14</sup> No original: "Dear Sir. At a late meeting of the Board of Managers of the Ladies' Anti-Slavery Sewing Society of this city [Cincinnati], an ardent wish was expressed that your paper, 'Voice of the Fugitive' should be placed pecuniarily, upon such a basis as to relieve you a part of the burden now resting upon you, and remove all fear of the necessity of its suspension, and it was voted to appropriate fifty dollars of the funds of the society to that object [...] Whenever, therefore, it is in your order the sum above named. May heaven abundantly succeed your labor in the cause of the oppressed." (GUILD, 1852 *apud* FROST, 2016, p. 3887).

assuntos, como direitos das mulheres, atividades antiescravistas para mulheres, moda, educação, abrigo para refugiados, entre outros<sup>15</sup>. Ela publicava como voz editorial, suprimindo seu nome como autora na ausência do marido, mantendo a forma de escrita deste e debatendo questões não convencionais para mulheres. Provavelmente seu anonimato a encorajava para se impor de forma confiante, sabendo que os leitores não perceberiam sua presença como editora. Temas caros ao jornal permaneceram exaltados durante seu período, com destaque para a religião, a influência da igreja e a necessidade de manter um caráter moral e virtudes cristãs<sup>16</sup>.

Tais temas eram valiosos para a maioria dos abolicionistas e/ou negros(as) na primeira metade do século, de acordo com o avanço do Segundo Grande Despertar, que foi um movimento religioso que enfatizava a erradicação imediata de todas as formas de pecado, inclusive do pecado de Cam, que teria instituído a escravização da população negra, entre vários outros temas. O movimento possibilitou propostas de diversas reformas sociais, entre elas destacamos o movimento abolicionista e o sufrágio feminino.

Em 1854, Mary Bibb fundou o Clube de Senhoras de Windsor (Windsor Ladies Club) também chamado de Sociedade de Melhoria Mútua (*Mutual Improvement Society*), tornando-se a primeira sociedade literária feminina no Canadá Ocidental. Em seguida, Amelia Freeman Shadd abriu o segundo grupo desse tipo em Chatham. Tais organizações eram voltadas para aperfeiçoamento intelectual e contribuíram para a inserção das mulheres negras em cargos de liderança ao longo do tempo. Sendo importante destacar que esses grupos não eram as únicas organizações que aceitavam a participação feminina, pois havia ainda sociedades mistas voltadas para outras questões<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup> FORSTER, 2011, p. 75.

<sup>16</sup> TRIPP, Bernell E. *Mary Miles Bibb: Education and Moral Improvement in the "Voice of the Fugitive."* Paper presented at the Annual Meeting of the Association for Education in Journalism and Mass Communication (76th, Kansas City, MO, August 11-14, 1993). Institute of Education Sciences, 1993. p. 12-13.

<sup>17</sup> BRIDGEN, Lorene. *"Lifting As We Climb": The Emergence of an African-Canadian Civil Society in Southern Ontario (1840-1901)*. Tese. University of Waterloo. Waterloo, Ontario, Canada, 2016. p. 62.



Mary Bibb possuía contatos importantes com abolicionistas nos EUA, fundamentais para o financiamento do jornal e, paralelamente, gerenciava negócios voltados para a costura<sup>18</sup>. Ela também desempenhou trabalho essencial na organização do evento do Dia da Emancipação Regional, uma celebração pelo fim da escravidão no Império Britânico, que confluía indivíduos de vários lugares, inclusive dos EUA. O evento foi palco de palestras, comícios e marchas, oferecendo um espaço de consciência transnacional e de sensibilidade panafricana, celebrando o fim da escravidão no Império e discutindo sobre a permanência da instituição em outros espaços. O evento também ofereceu jantar a 25 cents e o dinheiro recolhido ajudou na construção da Igreja Batista (que se tornou a Primeira Igreja Batista, que atualmente se encontra na rua Peter Street, em Sandwich, Ontário)<sup>19</sup>.

O marido de Mary Bibb, Henry, foi presidente na “Convenção Norte-Americana de Pessoas de Cor” (*North American Convention of Colored People*), realizada em Toronto, em setembro de 1851, um dos eventos mais importantes da década, que conectou 53 delegados dos Estados Unidos e Canadá, e se estendeu por três dias. Conforme publicado no *Voice of the Fugitive*, que publicou uma espécie de ata do evento, pormenorizando as discussões realizadas, o evento possibilitou debates fundamentais da época, discutindo temas referentes à segurança dos negros na América do Norte e formas de melhoria da vida desses no continente, pensando os destinos que se mostravam possíveis na década de 1850 para a emigração da população negra e elegendo os mais viáveis e promissores. Uma das conclusões foi que o Canadá seria o melhor destino para os negros, sendo a Jamaica o segundo melhor<sup>20</sup>. Outra decisão importante foi o apoio à criação da Liga Norte-Americana (*North American League*) entre Canadá e Jamaica, para facilitar a comercialização de produtos e fazer valer os direitos universais dos negros à propriedade da terra<sup>21</sup>.

---

<sup>18</sup> FORSTER, 2011, p. 75.

<sup>19</sup> FROST, 2016.

<sup>20</sup> NORTH American Convention. Proceedings. *Voice of the Fugitive*, Sandwich, v. 01, n. 20, p. 02, Sept. 24, 1851.

<sup>21</sup> PAGE, Sebastian N. *Black Resettlement and the American Civil War*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. p. 207.

A voz do fugitivo se configurou como uma importante plataforma de comunicação com os envolvidos na Ferrovia Subterrânea (*underground railroad*), conseguindo auxiliá-los até o Canadá<sup>22</sup>. Depois de chegados poderiam negociar a permanência e compra em terras da Sociedade Lar dos Refugiados (*Refugees' Home Society*), fundada por iniciativa dos Bibb, a aproximadamente 14 quilômetros de Windsor, nos distritos de Sandwich e Madison (na região sudoeste de Ontário). Em sua Constituição, de agosto de 1852, declarava que seu objetivo era "ajudar os refugiados da escravidão americana a obter lares permanentes e promover sua elevação social, moral, física e intelectual" <sup>23</sup> (tradução própria). A Sociedade propunha a compra de terras do governo canadense, sendo 50 mil acres de terra, a um custo de 100 mil dólares. O dinheiro para a compra era obtido, em parte, por contribuições e a intenção era que parte do dinheiro recebido pela venda de terras fosse investido no crescimento do assentamento, de modo que metade seria dedicada à compra de novas terras e a outra metade seria destinada ao apoio às escolas.

Ainda segundo sua Constituição, cada família de colonos recebia 25 acres de terra, 5 dos quais seria gratuita, com a condição de que, dentro de 3 anos a partir do momento da ocupação, desmatassem e cultivassem. Pelos 20 acres restantes, eles pagariam o custo primário em 9 pagamentos anuais iguais. As terras seriam destinadas somente aos refugiados da escravidão, sendo impossível o repasse (por venda ou concessão) a outros indivíduos, no período de 15 anos após realizar a compra. As terras desocupadas, por extinção ou remoção das famílias, retornariam aos poderes do Comitê Executivo<sup>24</sup>.

A Sociedade Lar dos Fugitivos voltava-se para os ex-escravizados (não dos nascidos livres) e, através do *journal* publicaram seu compromisso com o Movimento

---

<sup>22</sup> CARLESIMO, Peter. *The Refugee Home Society: its origin, operation and results, 1851-1876*. Tese. 200 f. Windsor: University of Windsor, 1973.

<sup>23</sup> REFUGEES' Home Society. Art. 2. *Voice of The Fugitive*, Sandwich, v. 02, n. 04, p. 01, Feb. 12, 1852.

<sup>24</sup> DREW, Benjamin. *A North-Side View of Slavery. The Refugee: Or the Narrative of Fugitive Slaves in Canada*. Boston: Published by John P. Jewett & Company; Cleveland, Ohio: Jewett, Proctor & Worthington; New York: Sheldon, Lamport & Blakeman; London: Trübner & Co., 1856. p. 324-325. Disponível em: <https://docsouth.unc.edu/neh/drew/drew.html>. Acesso em: 23 mar. 2023.

de Temperança, do qual o casal (assim como vários outros abolicionistas, moderados e radicais) era adepto:

O objetivo desta associação será permitir a todo fugitivo da escravidão, se possível, tornar-se proprietário e lavrador do solo, e promover a causa da temperança e educação entre nosso povo; e que qualquer pessoa que não venda ou use bebidas intoxicantes como bebida, e que tenha um bom caráter moral, pode se tornar um membro desta Sociedade, pagando ao seu tesouro a soma de doze centavos e meio.<sup>25</sup>

A Constituição da Sociedade deixou bem evidente a rejeição ao consumo de bebidas alcoólicas, bem como a importância da moralidade e da educação. Segundo Peter Carlesimo, Bibb ressaltava a importância da abstinência pois acreditava que o dinheiro poderia ser usado de forma mais proveitosa no desenvolvimento dos próprios refugiados, investindo em roupas, alimentos e compras de terras. Bibb propôs condições que promoviam a educação e a moralidade, dessa forma, parte do dinheiro coletado por sua Sociedade seria transferida para estabelecimento de escolas, suprimentos e salário de professores<sup>26</sup>.

Na Convenção de Amherstburg (1853), a presença e organização do movimento de temperança era perceptível, sendo que London já possuía 80 membros em sua Sociedade, enquanto Chatham e vizinhanças possuíam 152 membros, dos quais 20 pertenciam ao Chatham Lyceum e 15 pessoas eram da Associação de senhoras Victoria (Victoria Ladies Association) (Chatham). Os registros da convenção evidenciavam que os afro-canadenses participavam dessas organizações, mas que também estimulavam a criação de novas sociedades<sup>27</sup>. Windsor também possuía voz ativa no movimento através do periódico *Provincial Freeman*, editado pela negra livre

---

<sup>25</sup> No original: “*The object of this association shall be to enable every fugitive from slavery, if possible, to become an owner and tiller of the soil, and to promote the cause of temperance and education among our people; and that any person who does not sell or use intoxicating drinks as a beverage, and who bears a good moral character, may become a member of this Society, by paying into its treasury the sum of twelve and a half cents.*” FUGITIVE slaves in Canada West. *Voice of the Fugitive*, Sandwich, v. 01, n. 01, p. 02, Jan. 1, 1851.

<sup>26</sup> CARLESIMO, 1973, p. 5-6.

<sup>27</sup> MINUTES and proceedings of the General Convention for the Improvement of the Colored Inhabitants of Canada, held by adjournments in Amhrstburg, C.W., 16-17 June 1853. Disponível em: <https://udspace.udel.edu/recent-submissions?offset=8240>. Acesso em: 23 mar. 2023.

estadunidense Mary Ann Shadd, que trazia na primeira página: “Dedicado ao antiescravismo, temperança e literatura em geral”<sup>28</sup> (tradução própria).

Shadd, nascida livre, em Wilmington, Delaware (um estado nortista), saiu dos Estados Unidos para o Canadá Ocidental já com formação como professora e bem articulada no movimento abolicionista. Seus pais, Abraham Doras Shadd (sapateiro) e Harriet Parnell Shadd, eram oficialmente livres e engajados no movimento abolicionista negro, recebendo indivíduos influentes em sua residência<sup>29</sup>. Eles constituíam parte da elite nortista da comunidade negra estadunidense e engajados na *Underground railroad*<sup>60</sup>. Shadd percorreu os estados da Pensilvânia, Nova Jersey e Nova York durante sua formação, o que já lhe possibilitou uma experiência pessoal da situação dos(as) negros(as) no Norte. A historiografia acredita que ela se tornou professora, provavelmente, num ambiente quaker (o mais aberto a presença negra e com postura abertamente antiescravista)<sup>31</sup>. Suas atividades na docência eram permeadas pelo trabalho missionário, assim como a maior parte dos educadores impactados pelo “Segundo Grande Despertar”<sup>32</sup>.

Shadd, diferente de Mary Bibb, possui fotografia. E em contraste com as fotografias de outras mulheres de sua época, sua imagem aparecia sem a presença de um homem, sua postura e olhar penetrante encaravam a câmera, de forma direta, sem semblante de sorriso. Assim, se distanciava das imagens de esposas, posadas ao lado de seus maridos (que figuravam como o verdadeiro foco da fotografia) e, ao mesmo tempo, rompia com os estereótipos de negros felizes vinculados nos menestréis<sup>33</sup>.

---

<sup>28</sup> THE PROVINCIAL FREEMAN. Toronto, v. 01, p. 01, Jun. 17, 1854. No original: “*Devoted to anti-slavery, temperance, and general literature*”.

<sup>29</sup> FAGAN, Benjamin. *The Black Newspaper and the chosen Nation*. Georgia: University of Georgia Press, 2016. p. 98.

<sup>30</sup> YEE, Shirley J. Finding a Place: Mary Ann Shadd Cary and the Dilemmas of Black Migration to Canada, 1850-1870. *A Journal of Women Studies*, Nebraska, v. 18, n. 3, p. 1-16, 1997. p. 3. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3347171>. Acesso em: 17 dez. 2015.

<sup>31</sup> FAGAN, 2016, p. 98-99.

<sup>32</sup> YEE, 1997, p. 3.

<sup>33</sup> Veja imagem em: SILVERMAN, Jason H. Shadd, Mary Ann Camberton. *Dictionary of Canadian Biography*, Toronto, v. 12, 1990. On-line. Disponível em: [http://www.biographi.ca/en/bio/shadd\\_mary\\_ann\\_camberton\\_12E.html](http://www.biographi.ca/en/bio/shadd_mary_ann_camberton_12E.html). Acesso em: 24 mar. 2023.

Shadd estava em diálogo com diversos ativistas importantes que comungavam da ideia do nacionalismo negro, elaborado por Lewis Woodson (1806-1878). O pastor e professor em Pittsburg, escreveu ensaios, entre as décadas de 1830 e 1840, pensando uma identidade nacional entre os negros. Essa vertente teorizava que a integração não funcionaria nos Estados Unidos e sugeria como alternativas a emigração e assentamento de comunidades negras. Esses ensaios movimentaram também Henry Bibb, Samuel Ringgold Ward, James Theodore Holly, Henry Highland Garnet, Alexander Crummel e Martin R. Delany<sup>34</sup>.

A intelectual manteve contato com abolicionistas estadunidenses e fez uma palestra importante em suas terras em 1855, quando participou da Convenção Nacional do Negro (*National Negro Convention*), na Filadélfia, sendo a primeira mulher negra a ser admitida como membro correspondente no evento. Circulou pelo país promovendo discursos sobre a emigração dos(as) negros(as) para o Canadá, tocou Frederick Douglas e levantou financiamento para seu jornal<sup>35</sup>. Sua conexão com Douglas lhe rendeu bons frutos, fazendo com que publicações do *The Provincial Freeman* fossem divulgadas ou republicadas no periódico editado por ele, o *North Star*. Shadd fez uma viagem de um ano pelos Estados Unidos, um feito notório para uma mulher no período. Segundo Silverman, com exceção de Frances Ellen Watkins, poucas mulheres negras conseguiram fazer uma viagem com circuito de palestras. Ao fim de suas viagens Shadd retornou ao Canadá como uma referência na questão da igualdade racial<sup>36</sup>.

Antes de fundar seu próprio periódico, a abolicionista trabalhou com Henry Bibb, em *A voz do fugitivo*. Desacordos entre os abolicionistas passaram para o meio público, através dos jornais, evidenciando propostas diversas sobre a forma de conceber a integração no Canadá. Seu gênero a colocava em desvantagem em relação a Bibb. Mesmo ousando e assumindo publicamente o jornal como editora,

---

<sup>34</sup> SILVERMAN, Jason H. Mary Ann Shadd and the Search for Equality. In: IACOVETTA, Franca; DRAPER, Paula; VENTRESCA, Robert (ed.). *A Nation of Immigrants: Women, Workers, and Communities in Canadian History, 1840s-1960s*. Toronto: University of Toronto Press, 1998. p. 101-114. p. 103.

<sup>35</sup> SILVERMAN, 1998, p. 108.

<sup>36</sup> SILVERMAN, 1998, p. 107.

sofreu forte resistência por ser uma mulher em um meio tido como masculino. O periódico teve uma baixa nas assinaturas quando sua autoria veio a público<sup>37</sup>.

Shadd teceu suas próprias estratégias e associou-se à Samuel Ringgold Ward, um homem negro e intelectual, e Alexander McArthur, um clérigo branco. Os nomes masculinos tomaram a notoriedade, enquanto Shadd permaneceu com a maior parte do trabalho da edição. O acontecimento evidencia o quão limitante era para uma mulher negra almejar a vida pública de modo independente da figura masculina. Mas, na atualidade, Shadd é reconhecida pela historiografia como a primeira editora negra na América do Norte e a primeira editora mulher (a frente das brancas) no Canadá (disputando a posição com Mary Bibb, que foi mais apagada que Shadd). Desde 1998, foi reconhecida e homenageada pelo *National Women's Hall of Fame*.

Chatham serviu de sede inicial ao jornal editado por Mary Shadd, *The Provincial Freeman*, entre 1855-1860, um lugar estratégico no Canadá Ocidental. Segundo o jornal estadunidense *North Star*, editado por Frederick Douglass, a cidade se tornou o principal assentamento dos fugitivos da escravidão em 1855, com cerca de 5 a 6 mil habitantes, a maioria negra, que ganhou a liberdade. Com igrejas, escolas e casas confortáveis, comparáveis as de Detroit. Os negros arranjavam bons empregos e conseguiam adquirir terras<sup>38</sup>. A publicidade feita por um jornal da abrangência do *North Star* – principalmente entre a população negra – trazia grande atenção para a cidade e as atividades abolicionistas desenvolvidas, fazendo a temática negra ter protagonismo negro, fundamental para uma comunidade diaspórica. Para Kim Butler, “o contato entre comunidades da diáspora é vital para forjar a sua consciência, suas instituições e suas redes”<sup>39</sup>.

Amelia Freeman também trabalhou junto a Mary Shadd, sendo que, em 1857, foi editora temporária do jornal. Ela tinha acumulado uma trajetória educacional e política nos EUA, estudado em Ohio no Departamento Preparatório de Senhoras do Oberlin College em 1849, instituição marcada pela presença de abolicionistas e

---

<sup>37</sup> DAGG, Anne Innis. *The Feminine Gaze: A Canadian Compendium of Non-Fiction Women Authors and Their Books, 1836-1945*. Waterloo: Wilfrid Laurier Univ. Press, 2006. p. 275.

<sup>38</sup> TOBIN, Jacqueline L. *From Midnight to Dawn: the last tracks of the Underground Railroad*. New York: Doubleday, 2008. p. 39.

<sup>39</sup> BUTLER, 2020, p. 23.

debates acalorados. Freeman tinha experiência como professora nos EUA, ensinando arte e música. Em 1854, participou da Convenção Nacional de Emigração em Cleveland, Ohio. Freeman foi incentivada a se mudar para Chatham por grandes nomes do abolicionismo (William Still, William King e Martin R. Delany), que a convidaram a estabelecer a Escola Missionária de Chatham e, assim, seguiu para a cidade em 1856, inaugurando a escola em 1859. Ofereceu cursos clássicos, incluindo filosofia e música. A escola recebia doações e fazia arrecadação de fundos, mas era difícil mantê-la, o que a fez também ministrar aulas em escolas públicas e ofertar aulas particulares de música, arte e bordado. Suas ações públicas iam para além da sala de aula, assim organizou uma série de eventos religiosos, palestras e encontros literários para a comunidade. Em 1861, casou-se com Isaac Shadd, irmão de Mary Ann Shadd, e já assíduo abolicionista<sup>40</sup>.

Isaac Shadd foi uma personalidade importante no mundo editorial e nas movimentações políticas, trabalhando nas publicações do *Provincial Freeman*, auxiliou na organização da convenção onde John Brown palestrou, em 1858, a fim de recrutar indivíduos interessados no famoso ataque armado em Harper's Ferry<sup>41</sup>. Participou do Comitê de Vigilância de Chatham, que lutava contra as tentativas de apreensão de fugitivos dos EUA no Canadá, e se envolveu no caso Sylvanus Demarest. No incidente, a capacidade organizativa dos negros no Canadá mostrou a força de seus laços e a determinação em manter a liberdade de cada habitante. Shadd junto a membros do Comitê e cerca de 100 cidadãos (alguns armados de pistolas)

---

<sup>40</sup> BRISTOW, Peggy. 'Whatever you raise in the ground you can sell it in Chatham': Black women in Buxton and Chatham 1850-1865. In: BRISTOW, Peggy; BRAND, Dionne. *We're Rooted Here and They Can't Pull Us Up: Essays in African Canadian Women's History*. Toronto: University of Toronto Press, 1994.

<sup>41</sup> Em 1858, Isaac Shadd, junto a Harriet Tubman, auxiliou o abolicionista John Brown a recrutar pessoas para o ataque armado em Harper's Ferry, na Virginia Ocidental. O ataque seria, nos planos de Brown, o primeiro estágio para estabelecer uma fortaleza independente de negros nas montanhas de Maryland e Virginia. O local armazenava um arsenal federal e era ponto geográfico importante de acesso ao sul. Movimento recebeu apoio financeiro e moral de vários indivíduos de Boston. Em 16 de outubro de 1859, Brown e 21 recrutados (sendo 16 brancos e 5 negros) tomaram o arsenal. Tropas federais e estaduais reagiram ao ataque, John Brown foi preso, indiciado por traição e enforcado. Alguns seguidores de Brown também foram condenados à forca até o fim daquele ano. O evento criou um mártir (John Brown) e aumentou as discussões acerca da abolição. HARPERS Ferry Raid: United States history. Britannica, [s.d.]. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Harpers-Ferry-Raid>. Acesso em: 24 mar. 2023.

invadiram um trem e resgataram um menino, chamado Sylvanus Demarest, nascido livre, que havia sido sequestrado para ser vendido como escravizado. Isaac Shadd foi temporariamente preso junto com dois homens brancos. A criança foi acolhida por Isaac e sua família no período em que esteve proibida, por lei, de ficar sob a guarda de sua mãe até o fim do julgamento, quando o caso foi finalizado e foi dado o reconhecimento da liberdade da criança. O acontecimento se tornou largamente conhecido, com grande cobertura da mídia, e serviu para fortalecer a coesão entre os/as negros/as e, de maneira geral, o abolicionismo<sup>42</sup>.

A existência de comitês de vigilância, como esse de Chatham, era uma estratégia importante entre a comunidade negra do período. Casos de famílias separadas por caçadores ou traficantes de escravizados que tentaram – alguns que inclusive conseguiram – sequestrar e vender negros(as) que viviam livres aparecem no livro organizado pelo abolicionista branco Benjamin Drew, *A north side of slavery* (1856). Por todo formato e histórias narradas, sua obra também era uma forma de articulação política transnacional, entre EUA e Canadá. A introdução era bastante politizada e as apresentações das cidades e assentamentos auxiliavam o leitor para formação de uma opinião pública antiescravista. Seu conteúdo mostrava uma série de narrativas de negros e negras saudáveis, bem estruturados, com acesso à educação e à religiosidade fora dos EUA, assim alimentava os desejos de fuga e respondia os diversos argumentos pró-escravistas, como o da necessidade de tutela dos negros pelos brancos. A escolha de trazer relatos que demonstram as conquistas e a autonomia desses fugitivos em liberdade, além das dores (físicas e psicológicas) da escravidão, alimentavam uma imagem de força e resistência.

Outros intelectuais negros ativos no Canadá na década de 1850 também se envolveram em movimentações para pensar a possibilidade da emigração negra para outros lugares. James Theodore Holly – nascido livre em 3 de outubro de 1829, em Washington, D.C. – trabalhou como editor associado no jornal *A voz do fugitivo*, junto aos Bibbs. Em junho de 1853, participou na organização da Convenção de Negros

---

<sup>42</sup> RHODES, Jane. *Mary Ann Shadd Cary: The Black Press and Protest in the Nineteenth Century*. Bloomington: Indiana University Press, 1999. p. 132-133.



Livres, em Amherstburg, Ontário, onde debateu a possibilidade da emigração para o Haiti, pois a região gozava de boa reputação entre os negros desde o reconhecimento de sua independência (em 1804). O país inscreveu a raça em sua Constituição, incluindo a impossibilidade de os brancos possuírem terras. Na década de 1850, a emigração para o Haiti ainda figurava mais nos imaginários do que na prática<sup>43</sup>. Somente na década seguinte os planos passaram a ser colocados em ação. Em 1861, Holly mudou-se para o Haiti, levando consigo 110 africano-americanos e afro-canadenses. O presidente haitiano Fabre Nicolas Guillaume Geffrard declarou oficialmente Holly como um cidadão haitiano, depois de duas semanas após sua chegada. No novo país, enfrentou doenças que levaram parte de sua família, mas estava determinado a permanecer e inaugurou igrejas, escolas e programas educacionais. Holly teve vida longa no Haiti, onde faleceu em março de 1911.

A admiração pelo sucesso da revolução haitiana em expulsar os franceses e resistir às forças das potências europeias também foram enfatizados por Martin Delany, que conviveu com Holly no Canadá. Contudo, segundo Chris Dixon, ambos os emigracionistas acreditavam numa perspectiva etnocêntrica de que o país não havia alcançado grandeza política e social, principalmente pela crença no vodu e no catolicismo. James Holly chegou a afirmar que negros(as) dos Estados Unidos eram as únicas pessoas capazes de contribuir para a regeneração nacional do Hayti<sup>44</sup>. Martin Delany publicou *Blake* (1859), que trazia referências ao Haiti e propunha, ficticiamente (por se tratar de um romance), uma revolução de pessoas negras organizadas, críticas e estratégicas para criação de um novo país. Sua forma discursiva baseava-se em materiais coletados em suas viagens, a partir de entrevistas com escravizados, e sua narrativa direcionava uma perspectiva diaspórica que conectava as Américas e África.

---

<sup>43</sup> BOURHIS-MARIOTTI, Claire. "Go to our brethren, the Haytians": Haiti as the African Americans' Promised Land in the Antebellum Era. *Revue française d'études américaines*, Paris, v. 142, n. 1, p. 6-23, 2015. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-francaise-d-etudes-americaines-2015-1-page-6.htm> Acesso em: 24 mar. 2023.

<sup>44</sup> HOLLY, 1859 *apud* DIXON, Chris. An Ambivalent Black Nationalism: Haiti, Africa, And Antebellum African-American Emigrationism. *Australasian Journal of American Studies*, v. 10, n. 2, p. 10-25, dec. 1991. p. 17.

Delany foi, entre suas várias atividades, um sujeito de grande importância na imprensa negra e nas articulações políticas na diáspora. Em 1856, Delany se mudou para Chatham, onde permaneceu por cerca de três anos, onde auxiliou nas atividades da Ferrovia Subterrânea, ajudando a reassentar negros(as) refugiados(as) e, assim como Isaac Shadd, foi membro do Comitê de Vigilância, envolvendo-se também no caso de Sylvanus Demarest. Em maio de 1859, Delany voltou para os EUA e, de Nova York, viajou para a África<sup>45</sup>. Segundo publicado por Delany, a decisão de sua viagem foi determinada em uma reunião do Conselho Executivo da cidade, em 1º de setembro de 1858, que constava que Delany (que habitava em Chatham, Kent Country, Canadá Oeste), fosse um “[...] Comissário para explorar a África, com plenos poderes para escolher os seus próprios colegas”<sup>46</sup> (tradução própria). Com isso, Delany estaria realizando, segundo ele, um projeto que vinha pensando desde 1831-32 e que compartilhara com reverendo Molliston Madison Clark, então estudante no Jefferson College (Pensilvânia), de visitar o continente quando já estivesse formado<sup>47</sup>.

Desta forma, de acordo com seu biógrafo, Frank Rollin, Delany não limitou sua viagem à nação, mas viajou extensivamente pela África ocidental, para investigar as condições dos negros na região, junto a exploradores negros estadunidenses (os três os primeiros exploradores de cor dos Estados Unidos), conhecidos como Partido Explorador do Vale do Níger (ou *Niger Valley Exploring Party*). Ele publicou suas observações depois de seu retorno, por imprensas localizadas em Nova York (EUA) e London (Canadá). Em 1860, Delany saiu da Libéria para a Inglaterra, a fim de receber uma homenagem pelo Congresso Internacional de Estatística, que ocorreu em julho, referente ao que foi feito e publicado sobre África. Ele viajou extensivamente na África por um ano<sup>48</sup>. Em 1861, Delany ainda se destaca em suas relações

---

<sup>45</sup> LEVINE, Robert S. *Martin Delany, Frederick Douglass, and the Politics of Representative Identity*. North Carolina: Univ. of North Carolina Press, 2000.

<sup>46</sup> DELANY, Martin Robison. *Official Report of the Niger Valley Exploring Party*. New York: THOMAS HAMILTON; London: WEBB, MILLINGTON & CO., 1861. p. 236. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/22118/22118-h/22118-h.htm>. Acesso em: 24 mar. 2023. No original: “[...] Commissioner to explore in Africa, with full power to choose his own colleagues”.

<sup>47</sup> DELANY, 1861.

<sup>48</sup> ROLLIN, Frank A. CHAPTER XIX. the council-chamber. President Lincoln. In: *Life and Public Service of Martin R. Delany*. Boston: Lee And Shepard, 1883. p. 85.

---

diplomáticas, na região da Nigéria atual, com a Inglaterra, Canadá e Estados Unidos<sup>49</sup>. No ano seguinte, retorna ao país natal, fortalecido com a esperança do fim da escravidão.

O início da Guerra Civil Americana trouxe esperanças para a população dispersa e levou vários(as) emigrados(as) a traçar o caminho de volta para terras estadunidenses, dispostos a lutar pela liberdade e contra seus opressores, como Mary Shadd, Harriet Tubman, Isaac Shaad, Mary Bibb. Muitos deles participaram ativamente dos conflitos, inclusive do batalhão negro. Com o retorno, tiveram que suspender os desacordos e fortalecer as lutas pelos direitos da população negra. Após a guerra, alguns dos homens negros assumiram cargos políticos importantes e as mulheres negras supracitadas engajaram-se em lutas por Direitos das Mulheres destacando as diferenças raciais do movimento.

### **Considerações finais**

Os(as) intelectuais negros(as) nascidos nos Estados Unidos conseguiram organizar e manter, no período anterior a guerra civil americana, uma rede complexa de contatos, imprensa e circulação de pessoas que possibilitou a sobrevivência individual e coletiva de sujeitos que resistiam à força da escravidão e dos interesses escravagistas. A imprensa afro-canadense desenvolveu papel articulador central na diáspora negra, potencializando a capacidade de sobrevivência dos fugitivos e aumentando a resistência à escravidão.

Dessa forma, esse artigo dá visibilidade para as diversas estratégias que os(as) afro-americanos(as) utilizaram e mobilizaram para promover formas de acolhimentos dos fugitivos, fosse financeiramente, educacional, profissional, social ou espiritualmente. Destacamos as conexões entre Canadá e Estados Unidos, tendo em vista as circulações das pessoas negras, incluindo abolicionistas e ativistas pela emigração, que palestraram a respeito do tema em diversos espaços, movimentaram a imprensa, organizaram assentamentos e escolas, lutaram por direitos nos diversos

---

<sup>49</sup> LEVINE, 2000.

países, levantaram fundos para as causas e organizaram convenções, sociedades e comitês de vigilância. Tais ações reduziam as distâncias entre os países da diáspora negra, fortaleciam o movimento abolicionista, alimentavam a Ferrovia Subterrânea e traziam visibilidade para a capacidade organizativa das comunidades negras fora dos EUA, ao mesmo tempo em que tais intelectuais sobreviviam à força brutal da opressão racial (e de gênero, no caso das mulheres).

## Referências

BIBB, Henry. *Narrative of the Life and Adventures of Henry Bibb, An American Slave, Written by Himself*. New York: published by the Author, 1849.

BOURHIS-MARIOTTI, Claire. “Go to our brethren, the Haytians”: Haiti as the African Americans’ Promised Land in the Antebellum Era. *Revue française d’études américaines*, Paris, v. 142, n. 1, p. 6-23, 2015. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-francaise-d-etudes-americaines-2015-1-page-6.htm> Acesso em: 24 mar. 2023.

BRIDGEN, Lorene. *“Lifting As We Climb”*: The Emergence of an African-Canadian Civil Society in Southern Ontario (1840-1901). Tese. University of Waterloo. Waterloo, Ontario, Canada, 2016.

BRISTOW, Peggy. ‘Whatever you raise in the ground you can sell it in Chatham’: Black women in Buxton and Chatham 1850-1865. In: BRISTOW, Peggy; BRAND, Dionne. *We’re Rooted Here and They Can’t Pull Us Up*: Essays in African Canadian Women’s History. Toronto: University of Toronto Press, 1994.

BUTLER, Kim. Definições de diáspora: articulação de um discurso comparativo. In: BUTLER, Kim; DOMINGUES, Petronio. *Diásporas imaginadas: Atlântico negro e histórias afro-brasileiras*. São Paulo: Perspectiva, 2020.

CAMPBELL, Stanley W. *The Slave Catchers: Enforcement of the Fugitive Slave Law, 1850- 1860*. Chapel Hill: UNC Press Enduring Edition, 1968.

CARLESIMO, Peter. *The Refugee Home Society: its origin, operation and results, 1851-1876*. Tese. 200 f. Windsor: University of Windsor, 1973.

DAGG, Anne Innis. *The Feminine Gaze: A Canadian Compendium of Non-Fiction Women Authors and Their Books, 1836-1945*. Waterloo: Wilfrid Laurier Univ. Press, 2006.

DELANY, Martin Robison. *Official Report of the Niger Valley Exploring Party*. New York: THOMAS HAMILTON; London: WEBB, MILLINGTON & CO., 1861. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/22118/22118-h/22118-h.htm>. Acesso em: 24 mar. 2023.

DIXON, Chris. An Ambivalent Black Nationalism: Haiti, Africa, And Antebellum African-American Emigrationism. *Australasian Journal of American Studies*, v. 10, n. 2, p. 10-25, dec. 1991.

DREW, Benjamin. *A North-Side View of Slavery. The Refugee: Or the Narrative of Fugitive Slaves in Canada*. Boston: Published by John P. Jewett & Company; Cleveland, Ohio: Jewett, Proctor & Worthington; New York: Sheldon, Lamport & Blakeman; London: Trübner & Co., 1856. Disponível em: <https://docsouth.unc.edu/neh/drew/drew.html>. Acesso em: 23 mar. 2023.

FAGAN, Benjamin. *The Black Newspaper and the chosen Nation*. Georgia: University of Georgia Press, 2016.

FORSTER, Merna. *100 More Canadian Heroines: Famous and Forgotten Faces*. Toronto: Dundurn, 2011.

FRANKLIN, John Hope; MOSS Jr., Alfred A. *Da escravidão à liberdade: A história do negro americano*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1989.

FROST, Karolyn Smardz. *A Fluid Frontier: Slavery, Resistance, and the Underground Railroad in the Detroit River Borderland*. Detroit: Wayne State University Press, 2016.

FUGITIVE slaves in Canada West. *Voice of the Fugitive*, Sandwich, v. 01, n. 01, p. 02, Jan. 1, 1851.

HARPERS Ferry Raid: United States history. Britannica, [s.d.]. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Harpers-Ferry-Raid>. Acesso em: 24 mar. 2023.

HOOKS, bell. Intelectuais negras. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEVINE, Robert S. *Martin Delany, Frederick Douglass, and the Politics of Representative Identity*. North Carolina: Univ. of North Carolina Press, 2000.

MINUTES and proceedings of the General Convention for the Improvement of the Colored Inhabitants of Canada, held by adjournments in Amhrstburg, C.W., 16-17

June 1853. Disponível em: <https://udspace.udel.edu/recent-submissions?offset=8240>. Acesso em: 23 mar. 2023.

NASCIMENTO, Beatriz. *Quilombola e intelectual*. Possibilidades nos dias da destruição. São Paulo: Diáspora Africana; Editora Filhos da África, 2018.

NORTH American Convention. Proceedings. *Voice of The Fugitive*, Sandwich, v. 01, n. 20, p. 02, Sept. 24, 1851.

PAGE, Sebastian N. *Black Resettlement and the American Civil War*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

REFUGEES' Home Society. Art. 2. *Voice of The Fugitive*, Sandwich, v. 02, n. 04, p. 01, Feb. 12, 1852.

REYNOLDS, William C.; JONES, J. C. *Mapa político dos Estados Unidos de Reynolds, projetado para exibir a área comparativa dos estados livres e escravos e o território aberto à escravidão ou à liberdade pela revogação do Compromisso do Missouri*. Nova York: Wm. C. Reynolds e JC Jones, 1856. Mapa. Retirado da Biblioteca do Congresso. Disponível em: [www.loc.gov/item/2003627003/](http://www.loc.gov/item/2003627003/). Acesso em: 23 mar. 2023.

RHODES, Jane. *Mary Ann Shadd Cary: The Black Press and Protest in the Nineteenth Century*. Bloomington: Indiana University Press, 1999.

ROLLIN, Frank A. CHAPTER XIX. the council-chamber. President Lincoln. *In: Life and Public Service of Martin R. Delany*. Boston: Lee And Shepard, 1883.

SILVERMAN, Jason H. Shadd, Mary Ann Camberton. *Dictionary of Canadian Biography*, Toronto, v. 12, 1990. Disponível em: [http://www.biographi.ca/en/bio/shadd\\_mary\\_ann\\_camberton\\_12E.html](http://www.biographi.ca/en/bio/shadd_mary_ann_camberton_12E.html). Acesso em: 24 mar. 2023.

SILVERMAN, Jason H. Mary Ann Shadd and the Search for Equality. *In: IACOVETTA, Franca; DRAPER, Paula; VENTRESCA, Robert (ed.). A Nation of Immigrants: Women, Workers, and Communities in Canadian History, 1840s-1960s*. Toronto: University of Toronto Press, 1998. p. 101-114.

THE PROVINCIAL FREEMAN. Toronto, v. 01, p. 01, Jun. 17, 1854.

TOBIN, Jacqueline L. *From Midnight to Dawn: the last tracks of the Underground Railroad*. New York: Doubleday, 2008.

TRIPP, Bernell E. *Mary Miles Bibb: Education and Moral Improvement in the "Voice of the Fugitive."* Paper presented at the Annual Meeting of the Association for

Education in Journalism and Mass Communication (76th, Kansas City, MO, August 11-14,1993). Institute of Education Sciences, 1993.

YEE, Shirley J. Finding a Place: Mary Ann Shadd Cary and the Dilemmas of Black Migration to Canada, 1850-1870. *A Journal of Women Studies*, Nebraska, v. 18, n. 3, p. 1-16, 1997. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3347171>. Acesso em: 17 dez. 2015.